

Eu peguei e apresentei: As construções multiverbais no Português Brasileiro

Este trabalho tem como objeto de investigação a construção [V1 (e) + V2], aqui entendida como construção multiverbal, muito utilizada pelos falantes de PB. Abaixo, veem-se exemplos em (1), (2), (3) e (4):

- (1) Eu **peguei e corri**.
- (2) Aí, **foi e choveu**.
- (3) Aí, eu **virei e disse**: é pavê ou pacumê?
- (4) Ela **chegou e falou** bem assim.

Analisando os exemplos, é possível notar que os verbos em primeira posição, respectivamente *pegar*, *ir*, *virar* e *chegar*, não estão sendo usados de acordo com seus significados lexicais canônicos: *pegar* significa ‘segurar/agarrar algo’, mas em (1) não há um objeto que tenha sido segurado; *ir* significa ‘mover-se de um lugar para o outro’, mas em (2) não há nada que tenha se movido; *virar* significa ‘mudar de posição, de direção’, mas em (3) o falante não se moveu necessariamente; *chegar* significa ‘atingir ou alcançar um determinado lugar’, mas em (4) não há necessariamente um lugar em que ela tenha chegado. Isso mostra que, dentro dessas construções, V1 não pode ser interpretado como verbo lexical, pois é esvaziado de sentido. Assim, o verbo lexical é V2, que também tem função de verbo principal e verbo núcleo dentro das sentenças, ou seja, os eventos denotados por essas orações são expressos pelo V2, respectivamente, *correr*, *chover*, *dizer* e *falar*.

Em trabalhos recentes, muito se discute sobre o estatuto gramatical dessas construções, e duas propostas se sobressaem: a de perífrase verbal e a de serialização. Para Almeida e Oliveira (2010) e Grilo e Tavares (2013), a construção está passando por um processo de gramaticalização, no qual o V1, que antes era lexical, se torna um item gramatical, funcionando de forma similar a um verbo auxiliar. Daoud (2023) também compartilha da leitura de perífrase, argumentando que a construção multiverbal seria lida como perífrase paratática, composta “por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, em relação copulativa, dos quais somente o segundo conserva integralmente o semanticismo” (Merlan, 1999, p. 1)

Uma leitura diferente é apresentada por Carvalho e Santos (2024) e Rodrigues (2024), na qual a construção poderia ser considerada como uma Construção Verbo Serial (CVS), frequentemente encontrada em línguas crioulas de base europeia e nas línguas isoladas da África Ocidental e do Sudeste Asiático, além de serem identificadas em línguas da Oceania, Nova Guiné e Américas. Segundo Aikhenvald (2018), nas CVSs, temos uma sequência de mais de um verbo que agem juntos como uma unidade, formando um único predicado, sem marcação de coordenação, subordinação ou dependência sintática de qualquer tipo.

Ambas as propostas assumem algumas características delineadas sobre o funcionamento da construção (Rodrigues, 2004, 2006): a) V1 e V2 compartilham mesmo sujeito, flexão verbal, número e pessoa; b) A negação tem escopo sobre todo o evento; c) Os constituintes têm uma ordem fixa; e d) V1 não pode ser alvo de interrogação. As características apontadas em (b) e (d) comprovariam a mono-oracionalidade da sentença, ou seja, a expressão de um único evento.

Todavia, ainda não há um consenso na literatura sobre qual das duas hipóteses explicaria melhor a construção, pois nenhuma delas parece ter cobertura empírica adequada e algumas descrições apresentadas não condizem com os dados encontrados.

Desse modo, este trabalho tem como intuito discutir as duas propostas e verificar em que medida elas dão conta dos dados. Assim, partindo da Gramática Gerativo Transformacional (Chomsky, 1981, 1986), estudos sobre aspecto (por ex. Foltran e Wachowicz, 2006) e estudos sobre papéis temáticos (por ex. Franchi e Cançado, 2003), o objetivo geral é compreender a função de V1 e como ele se relaciona com os outros constituintes da construção.

Sobre a proposta de perífrase, falta uma melhor descrição de quais características fazem com que V1 possa ser considerado semelhante a um verbo auxiliar. Testes de auxiliarização, realizados por Carreira e Shimada (2024, p. 74), como a ocorrência de elipse de VP, mostram que na construção multiverbal, em (5), o movimento é impossibilitado, o que leva a uma falha referencial e causa agramaticalidade:

(4) O João vai [vP ler o livro]? Não, ele não vai [~~vP ler o livro~~]

(5) O João [vP *pegou e leu* o livro]? *Não, o João não *pegou* [~~vP e leu o livro~~]

Por outro lado, a análise dessas construções como CVS é ainda pouco explorada no PB mas já possui críticas, como a realizada por Rodrigues (2004, p. 6), que argumenta que “é impossível definir “verbos seriais” uniformemente, já que cada vez mais esse termo tem sido usado para identificar diferentes “tipos” de verbos seriais encontrados em diversas línguas”. Ou seja, não há uma descrição clara do que seriam os verbos seriais no português brasileiro, e a partir disso, mais perguntas surgem: Quais características são fixas para as CVS? Há subgrupos dessas construções?

Em relação às descrições propostas, Carvalho e Santos (2024), por exemplo, assumem que haveria nas CVS uma restrição quanto ao tipo de sujeito quando V1 fosse o verbo *pegar*: o SN receberia obrigatoriamente o traço [+humano] ou ao menos [+animado]. Isso aconteceria pois *pegar* herdaria esses traços de “sua acepção lexical, já que somente seres animados possuem mãos e garras com as quais podem pegar algo” (p. 115). Entretanto, há dados que provam que o sujeito pode ter os traços [-humano] e [-animado], como em (5), encontrado por meio da ferramenta de pesquisa do site X:

(6) Hoje eu nem queria trabalhar... aí o sistema *pegou e parou* de funcionar.

O dado apresentado aponta para a possibilidade de não haver restrição quanto ao sujeito [-humano] e [-animado]. Outro argumento que sustenta a hipótese de que não há restrição argumental é o exemplo em (2), no qual temos um V2 zero-argumental.

Propomos, então, que há um outro tipo de restrição semântica quanto aos verbos que podem ocupar a posição de V1 e com o qual V2 eles podem se combinar, uma vez que “*Eu *pego e tenho* 1,80” ou “*Ela *vai e é* brasileira” são agramaticais. Hipotetizamos também que V1 está passando por um processo de gramaticalização, funcionando como um marcador aspectual do evento denotado por V2. Diante disso, concluímos que novas hipóteses de categorização dessa construção, bem como descrições que acomodem os dados observados, ainda precisam ser delineadas no âmbito da linguística formal.